

Boa Nova para cada dia / dezembro 2015

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos e Dias Santos)

Tempo do Advento – Imaculada Conceição

Tempo do Natal – Natal do Senhor

Ter, 1 – SEMANA I DO ADVENTO

Is 11, 1-10 / Slm 71 (72), 2.7-8.12-13.17 / Lc 10, 21-24

Com o chicote da sua palavra atingirá o violento e com o sopro dos seus lábios exterminará o ímpio. (1ª Leitura)

E tem que nos atingir a nós também, que também somos ímpios. Temos que deixar que a Palavra nos atinja porque é muito fácil à Palavra não nos atingir, dada a quantidade de vezes que a ouvimos. E não só a ouvimos como a ouvimos repetidamente. E como podemos deixar que nos atinja? Refletindo nela e principalmente aplicando-a à nossa vida. Normalmente é isso que nos falta, a aplicação da palavra à nossa vida. Apliquemo-la pois.

Qua, 2 – SEMANA I DO ADVENTO

Is 25, 6-10a / Slm 22 (23), 1-3b.4-6 / Mt 15, 29-37

... trazendo coxos, aleijados, cegos, mudos e muitos outros. (Evangelho)

Vinham ter com Jesus coxos, cegos, aleijados, paráliticos, pobres, pecadores curiosos e também materialmente ricos. Mas sempre gente com alguma necessidade. E Jesus não Se cansava de repetir que tinha vindo para os pecadores. Que isto nos sirva de consolo nos nossos extravios, porque para o nosso Deus é uma grande alegria perdoar-nos: faz no Céu um grande banquete, mata o vitelo gordo e põe-nos um anel no dedo quando nos aproximamos d'Ele. Que isto nos sirva de força e estímulo.

Qui, 3 – S. FRANCISCO XAVIER (Memória)

Is 26, 1-6 / Slm 117 (118), 1.8-9.19-21.25-27a / Mt 7, 21.24-27

... edificou a sua casa sobre areia. (Evangelho)

Todos nós edificamos a casa sobre a areia e também sobre a rocha sólida. Quando pecamos, estamos a edificar a casa sobre a areia. Mas depois, quando nos arrependemos, tiramos a areia. É assim a construção da nossa casa. Temos que nos pôr a pau com os pecados recorrentes: é um constante atirar de areia para as fundações da casa e assim ficamos sempre na mesma. Temos que progredir, ultrapassar esse pecado. Façamos esse esforço. Rezemos por isso.

Sex, 4 – SEMANA I DO ADVENTO / 1ª SEXTA-FEIRA

Is 29, 17-24 / Slm 26 (27), 1.4.13-14 / Mt 9, 27-31

... o escarnecedor desaparecerá. (1ª Leitura)

Isto seria o nosso ideal. No entanto, as humilhações podem ter uma missão muito importante: aproximar-nos do essencial, tirar-nos as peneiras. As humilhações, se bem absorvidas, se absorvidas cristãmente, sem complexos de inferioridade, podem levar-nos a ver que o essencial é amar a Deus e aos nossos irmãos e não a vanglória. Medite, o leitor, sobre isto.

Sáb, 5 – S. MARTINHO DE DUME, S. FRUTUOSO E S. GERALDO (Memória) / 1.º SÁBADO

Is 30, 19-21.23-26 / Slm 146 (147), 1-6 / Mt 9, 35 – 10, 1.6-8

... andavam fatigadas e abatidas como ovelhas sem pastor. (Evangelho)

Será que as ovelhas com pastor não andam fatigadas nem abatidas? Fatigadas andam, com certeza, mas abatidas provavelmente não. Pelo menos, no sentido empregue por Jesus, porque o abatimento das ovelhas vem da falta de rumo, da falta de proteção, da falta de condução a sítios com alimento, a abrigos e a tudo o que um animal doméstico precisa. É por isto que Cristo insiste tanto na necessidade de nos pormos sob a sua proteção. O leitor reze para poder descansar nos braços de Cristo.

Dom, 6 – DOMINGO II DO ADVENTO – Ano C

Bar 5, 1-9 / Slm 125 (126), 1-6 / Fil 1, 4-6.8-11 / Lc 3, 1-6

O segundo domingo do Advento apresenta-nos a figura de João

Batista como sinal da vinda da salvação de Deus. Aproximamo-

-nos da celebração do dia que dá lugar à plenitude da história, o momento mais desejado, o culminar de toda a esperança, o momento da vinda ao mundo de Jesus Cristo.

João Batista é uma síntese viva de todo o Antigo Testamento, que se caracteriza fundamentalmente pela atitude de “espera”, fruto de uma fé absoluta na promessa de Deus. Ele é, para nós, exemplo do homem que se prepara para estar diante de Deus e que nos apresenta o caminho para que possamos acolher Jesus Cristo que vem. É modelo de quem espera e só quem espera pode realmente acolher.

Anunciando que o Salvador está a chegar, e na tradição dos grandes profetas do Antigo Testamento, João Batista retira-se para o deserto, onde a palavra de Deus lhe é dirigida. Aqui pode ter contacto com a experiência espiritual dos seus antepassados e evitar uma experiência religiosa meramente exterior e formalista. Foi no deserto que o povo de Deus encontrou a sua identidade na vivência fundamental do Êxodo, saindo da experiência de escravidão para se tornar um povo livre para servir o Senhor.

João Batista faz-nos ver que a nossa condição sobre esta terra

é semelhante àquela do povo no deserto: somos chamados a viver em constante Êxodo; somos convidados a sair de nós próprios, a deixarmos aquilo que nos escraviza para podermos sair em direção à terra prometida que é Deus, tendo por garantia a sua promessa de fidelidade. A nossa tentação pode ser aquela de ficarmos na escravidão do nosso conformismo, dizendo que sempre foi assim e que não há nada a fazer, repetindo: «eu sou assim...». No fundo, é ficar parado com medo da liberdade que nos assusta porque nos obriga a decidir.

Ele anuncia um batismo de conversão, que passa pela aceitação da própria morte, simbolizada pela imersão na água, à qual se junta o desejo da emergência que simboliza o nascimento para uma nova vida. Esta conversão manifesta-se no perdão dos pecados, mas não é a nós que compete expiar os nossos pecados. Um só é Aquele que expia os nossos pecados: estes são perdoados por Aquele que nos ama desde o ventre materno.

Por isso, evocando as palavras do profeta Isaías, João Batista desafia-nos a altear todos os vales e a abater as colinas e os montes. Montes e colinas representam, na linguagem bíbli-

ca, a soberba, a altivez e a arrogância de quem se quer impor e dominar os outros. O reino de Deus não é compatível com estas atitudes. Por isso, somos convidados a aplanar a nossa altivez e a nossa arrogância. A nova criação é aquela da lógica contrária, a lógica do dom de si mesmo na humildade do servi-

ço. «O que for maior entre vós seja como o menor, e aquele que mandar, como aquele que serve» (Lc 22, 26), diz o Senhor.

Só assim podemos abrir o coração e cultivar em nós a atitude de quem espera a vinda do Senhor na sua vida, sabendo que a salvação é oferecida a todos, sem exceção.

Seg, 7 – SANTO AMBRÓSIO (Memória)

Is 35, 1-10 / Slm 84 (85), 9ab-14 / Lc 5, 17-26

... deixando-o no meio da assistência, diante de Jesus. (Evangelho)

Pelo que nos diz esta descrição do acontecimento, as pessoas que puseram o paraplégico ao pé de Jesus limitaram-se a isso mesmo, puseram-no ao pé de Jesus e não fizeram mais nada. É este o nosso trabalho, pôr as pessoas em contacto com Deus e largá-las aí. Não nos podemos substituir a Deus, não podemos dar muitas instruções, temos que desaparecer como S. João Batista, para que Deus nasça (renasça) no outro. Não vamos nós dizer-lhes a vontade de Deus a seu respeito. Medite, o leitor, sobre isto.

Ter, 8 – IMACULADA CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA – Padroeira de Portugal (Solenidade)

Gen 3, 9-15.20 / Slm 97 (98), 1.2-3ab.3cd-4 / Ef 1, 3-6.11-12 / Lc 1, 26-38

Um professor ateu, querendo justificar “cientificamente” aquilo que a Igreja chama de “pecado original”, dava o exemplo da saúde física: se alguém não cuida do seu corpo, então ficará doente e transmitirá essa doença aos seus filhos. Assim se explicaria a crença cristã da transmissão do pecado original.

Mas, é justo que os filhos sejam punidos pelos crimes dos pais? Se Deus é realmente um justo juiz, pode permitir que uma criança inocente receba o castigo pelo pecado dos pais?

No nosso pecado, a pena está intrinsecamente ligada ao ato, não é imposta externamente, mas é consequência direta do

facto. Como no caso das doenças: o médico pode dizer-nos que se continuamos a viver assim ficaremos doentes, mas não é ele que nos dá a doença: ele prescreve a cura. Jesus Cristo veio como médico para nos curar, seja das nossas doenças pessoais, seja daquela “hereditária”, o pecado original. Mas como entender a hereditariedade do pecado original? Se nós dissermos que alguém recebeu dos seus pais só miséria, estamos a afirmar que não recebeu o que seria bom que tivesse recebido. Podemos dizer algo semelhante sobre o pecado original: nós não recebemos a graça que poderíamos ter recebido porque ninguém pode transmitir aquilo que não tem. Neste sentido, o pecado original é transmitido como graça que se perdeu e que, portanto, não pode ser herdada.

A primeira leitura coloca-nos diante da nossa realidade sem Deus: não aceitarmos a nossa condição humana e queremos afirmar a nossa independência e autonomia leva-nos, paradoxalmente, à dependência e à morte. Esta passagem não nos apresenta um pecado concreto, mas a dinâmica de cada pecado come-

tido: a afirmação de si próprio. Por outro lado, a segunda leitura transmite-nos uma surpreendente mensagem de alegria: num longo hino pelas bênçãos de Deus aos homens anuncia-se aquilo a que somos chamados: Deus «nos escolheu para sermos santos e irrepreensíveis, em caridade, na sua presença».

É nesta certeza que celebramos hoje a solenidade da Imaculada Conceição de Nossa Senhora. Em Maria, que não recebeu a hereditariedade do pecado original, a plenitude da graça recebida de Deus libertou-a de todo o pecado desde o início da sua vida. Ela viveu sem se escolher a si própria, mas escolhendo sempre a vontade de Deus. Isto tem consequências claras também para a nossa vida espiritual. A missão de Maria, que ela aceitou, foi a razão pela qual foi purificada desde o nascimento. Também nós somos chamados, somos escolhidos, somos eleitos para uma missão na edificação do reino de Deus. Se estamos conscientes da nossa missão e colaboramos na nossa vocação, é a graça de Deus que nos purifica progressivamente do pecado e nos conduz à santidade e à perfeição.

Qua, 9 – SEMANA II DO ADVENTO

Is 40, 25-31 / Slm 102 (103), 1-4.8.10 / Mt 11, 28-30

[O Senhor] dá força ao que anda exausto e vigor ao que anda enfraquecido. (1ª Leitura)

Temos dentro de nós uma reserva inesgotável de energia que é o amor. E o amor é o amor de Deus. Esse amor que está dentro de nós nunca se esgota. Pode parecer que às vezes está debaixo de uma camada de tristeza, de incompreensão, de cansaço, mas nunca se esgota. É a esse amor de Deus, que é um manancial que não se esgota (e que está sempre a aumentar!), que vamos buscar vigor quando estamos enfraquecidos.

Qui, 10 – SEMANA II DO ADVENTO

Is 41, 13-20 / Slm 144 (145), 1.9.10-13ab / Mt 11, 11-15

Não temas. Eu venho em teu auxílio. (1ª Leitura)

Olhemos para as vidas de Jesus e de Nossa Senhora. O Pai esteve sempre com eles, mas eles sofreram. Deus vem em nosso auxílio, mas não nos tira o sofrimento. No entanto, pode (pode) dar-nos alegria no nosso sofrimento. Não alegria masoquista, mas a alegria de quem sofre por amor a alguém. Deus ajuda a que o nosso sofrimento tenha mais sentido, quando torna esse sofrimento um sofrimento por amor. O leitor veja com que espírito sofre. (AÍ É QUE ESTÁ O PROBLEMA...)

Sex, 11 – SEMANA II DO ADVENTO

Is 48, 17-19 / Slm 1, 1-4.6 / Mt 11, 16-19

Eu (...) ensino-te o que é para teu bem. (1ª Leitura)

Para teu bem, quer dizer, para a tua felicidade. Algum cristão convicto duvida que Deus nos quer felizes e contentes? Jesus levou a cruz ao calvário, mas também foi a casamentos e banquetes, comia e bebia, tinha amigos íntimos, apreciava os prazeres da vida. (Aliás, foi acusado de ser ébrio e glutão – Lc 7, 34). O que temos que fazer, pois, é sintonizarmo-nos com Deus e sermos felizes. O leitor reze pela sua felicidade. (E, já agora, dos seus. Mas não se esqueça de si.)

Sáb, 12 – SEMANA II DO ADVENTO

Sir 48, 1-4.9-11 / Slm 79 (80), 2ac.3b.15-16.18-19 / Mt 17, 10-13

Quem se pode gloriar de ser como tu? (1ª Leitura)

Ninguém. Mas todos nós temos que ter consciência da nossa importância. E de onde é que nos vem a importância? De servirmos. O resto não é valor do Reino. E aí há uma profunda conversão a fazer porque normalmente não tiramos a nossa importância de servir. Até porque servir não soa bem. Os pobres é que servem. Pois é, temos que ser pobres e servir. Não vai chegar a vida toda do leitor para esta mudança de mentalidade. Treine-se e reze. (Esta conversão não vai sem treino.)

Dom, 13 – DOMINGO III DO ADVENTO – Ano C

Sof 3, 14-18a / Is 12, 2-3.4bcd.5-6 / Fil 4, 4-7 / Lc 3, 10-18

O Advento é simultaneamente um tempo penitencial, em que nos preparamos para acolher o Senhor, e um convite à alegria. Não existe nada de mais contrário à Escritura do que o espírito dolorista, das caras tristes e pesadas. Na verdade, Jesus Cristo diz-nos que, fazendo penitência, não devemos ter um rosto pesado, mas um sorriso alegre. Estamos a preparar a vinda da Alegria e, por estranho que possa parecer, a tristeza é muitas vezes sinal do excesso de preocupação por nós próprios: ficamos tristes quando nos deixamos aprisionar pela inveja e vemos só o que não temos e não conseguimos viver confiando em Deus que é Amor. Onde mora o pecado não pode viver a Alegria.

Hoje continuamos a acompanhar João Batista, que nos mostra o caminho para a felicidade que é Jesus Cristo. Ele,

que evangelizou com a vida, mostra-nos o Evangelho da alegria vivendo uma vida austera mas não triste. É muitas vezes considerado como o último dos profetas da antiga aliança, cujo sentido era preparar a vinda do Senhor; e tudo aquilo que João Batista fez e disse tinha como sentido último a preparação para acolher Jesus Cristo na sua vida. Por isso, a sua própria vida é manifestação de como nos podemos preparar para a vinda do Senhor. A antiga lei já passou, mas ficou o seu sentido, isto é, a preparação para o acolhimento de Deus.

João Batista foi no deserto a voz que transmitia a Palavra. No Domingo passado, fomos por ele convidados a rever a nossa relação com Deus, a sintonizar a nossa mentalidade com a mentalidade de Deus. Hoje, somos chamados a rever a nossa

relação com os outros, fazendo um apelo à solidariedade e partilha dos bens com os mais necessitados e excluindo todo o tipo de corrupção e abuso de poder para proveito próprio.

Se temos dentro de nós o ideal do bem, se temos dentro de nós a vontade de seguir o Senhor e de O encontrar é porque outras pessoas na nossa vida foram “voz” para a Palavra. Se temos fé é porque, muito provavelmente, encontramos pessoas que nos comunicavam a presença de Deus através das suas vidas. Pessoas que vivendo falavam, muitas vezes sem pa-

lavras, da salvação que é Jesus Cristo. Estas são pessoas que Deus vai metendo nas nossas vidas e são vozes que clamam no deserto para que possamos preparar a vinda do Senhor. Pessoas que nos deixam uma memória de encontro com Jesus Cristo.

Assim deve ser também a nossa vida: uma voz que grita no deserto. E, se somos realmente voz da Palavra que é Cristo, diminuimos para nós próprios, para que Ele possa crescer dentro de nós e, assim, sermos aquilo que Ele quer: alegres e com cara de gente salva.

Seg, 14 – s. JOÃO DA CRUZ (Memória)

Num 24, 2-7.15-17a / Slm 24 (25), 4bc-5ab.6-7bc.8-9 / Mt 21, 23-27
O Espírito de Deus desceu sobre ele. (1ª Leitura)

Desde o nascimento de Jesus que passámos a ser filhos de Deus, inspirados pelo Espírito Santo. O problema é que é só se nós quisermos. Essa inspiração tem que ser pedida porque, embora o Espírito Santo esteja dentro de nós, não atua sem nós lhe pedirmos. É bom que, de vez em quando, rezemos ao Espírito Santo, o peçamos, para estarmos o mais possível em consonância com o que Deus quer. Ora, hoje, o leitor peça o Espírito Santo.

Ter, 15 – SEMANA III DO ADVENTO

Sof 3, 1-2.9-13 / Slm 33 (34), 2-3.6-7.17-19.23 / Mt 21, 28-32
Eu darei aos povos lábios puros. (1ª Leitura)

É Deus que nos dará lábios puros. Esta frase de Sofonias pode descansar-nos muito. O que seria de nós se tivéssemos que arranjar lábios puros por nós próprios? O que Deus quer é que

estejamos abertos a Ele, que façamos a nossa parte, que nos deixemos trabalhar por Ele. E o nosso papel é passivo? Não. Nós temos a responsabilidade de atuar com base na purificação de Deus, na vontade de Deus. E para isso temos que assimilar a sua vontade. Reze, o leitor, sobre isso.

Qua, 16 – SEMANA III DO ADVENTO

Is 45, 6b-8.18.21b-25 / Slm 84 (85), 9ab-14 / Lc 7, 19-23

Feliz daquele que não encontrar em Mim ocasião de queda. (Evangelho)

Se Jesus tivesse dito «Feliz daquele que não encontrar em si próprio ocasião de queda», seria talvez mais perceptível. Agora, como é que podemos encontrar em Cristo ocasião de queda? Só se for por contraste. Por contraste com os seus valores. O pecado é a queda que temos frente à vontade de Jesus. Esse contraste tem que ser cada vez menos para sermos felizes. É o que Jesus nos diz. Ora o leitor pergunte a Jesus se não é assim.

Qui, 17 – FÉRIA DO ADVENTO

Gen 49, 2.8-10 / Slm 71 (72), 2.3-4ab.7-8.17 / Mt 1, 1-17

Genealogia de Jesus Cristo. (Evangelho)

O Evangelho apresenta-nos a genealogia de Cristo para legitimar a sua missão. Ainda hoje nós prestamos homenagem à genealogia: ser filho de uma pessoa importante não é a mesma coisa do que ser filho de um ilustre desconhecido. Ter nascido duque não é a mesma coisa do que ter nascido plebeu. Mas isto são anti-valores – muito difíceis de desenraizar – que não legitimam coisa nenhuma, antes são mais uma dificuldade para a humildade como filhos de Deus. Caro leitor, como é que olha para as pessoas? Medite sobre isso.

Sex, 18 – FÉRIA DO ADVENTO

Jer 23, 5-8 / Slm 71 (72), 2.12-13.18-19 / Mt 1, 18-24

... ‘Emanuel’, que quer dizer Deus conosco. (Evangelho)

No Antigo Testamento, o sumo-sacerdote era o intermediário entre Deus e o povo. Deus estava com o povo, mas à distância. Não Se “misturava”. Com Jesus misturou-Se e, a partir da

comunhão dos discípulos na última ceia e da vinda do Espírito Santo, entrou dentro de nós. Esteve connosco em carne e osso e agora está connosco misticamente. Aproveitemo-lo. O leitor, quando puder, faça algum tempo de adoração ao Santíssimo.

Sáb, 19 – FÉRIA DO ADVENTO

Jz 13, 2-7.24-25a / Slm 70 (71), 3-4a.5-6ab.16-17 / Lc 1, 5-25

... conceberás e darás à luz um filho. (1ª Leitura)

O anúncio do nascimento de Sansão, sobre-humano juiz e general dos hebreus, pode ajudar-nos a perceber as expectativas que os judeus punham na missão de Jesus. Sansão ia libertar o povo dos filisteus, Jesus devia libertar o povo dos romanos. Deixar-se apanhar e morrer como os criminosos, no final da sua missão, estava completamente fora dos esquemas mentais daquele tempo. E do nosso! E do nosso! E do leitor? Leitor, o que é que tem dentro do seu coração? Sansão ou Cristo? Reze sobre isso.

Dom, 20 – DOMINGO IV DO ADVENTO – Ano C

Miq 5, 1-4a / Slm 79 (80), 2-3.15-16.18-19 / Hebr 10, 5-10 / Lc 1, 39-45

Nestes últimos dias antes do Natal do Senhor, a liturgia apresenta-nos a missão de Jesus. Ele vem para nos propor a salvação, a libertação que nos conduz à verdadeira felicidade. Assim, na primeira leitura podemos ver como Deus desde sempre escolhe o que é mais frágil e pequeno aos nossos olhos para se poder manifestar. O profeta Miqueias aparece num tempo dominado por grandes injustiças e pela opressão do povo, transmitindo uma mensagem de grande esperança e de paz:

o nascimento de um rei, um dom do amor de Deus que vem construir um reino de paz. Diz-nos que Deus não abandona o seu povo e que Se preocupa com a sua libertação.

O Evangelho apresenta-nos o encontro entre Nossa Senhora e Santa Isabel. São duas mulheres testemunhas da extraordinária fecundidade e misericórdia de Deus. Ambas escolheram confiar na promessa que, desde Abraão, Isac e Jacob, passando por todos os profetas e toda a história do povo de Israel, Deus lhes fez.

Acreditaram que Ele está com o seu povo sempre e que é fiel à sua aliança. Maria e Isabel fizeram então a experiência das bênçãos de Deus porque viveram na certeza da sua fidelidade.

Santa Isabel saúda a sua prima evocando a bênção de Deus, declarando-a «Bendita entre as mulheres». A bênção, na tradição bíblica, significa «dizer bem» de alguém. Esta pode ser usada como desejo ou como louvor e era muito utilizada como expressão do amor e do reconhecimento. São tantos os motivos que temos para bendizer a vida uns dos outros, para dizer bem daqueles que estão à nossa volta.

Bendizer não é uma ação que floresça nos corações habitados pela inveja ou pelas rivalidades, mas é o reconhecimento e o desejo do bem do outro. Num coração habitado pelo amor de Deus, cheio de benevolência, floresce

naturalmente o hábito de bendizer os outros à sua volta.

Santa Isabel, cheia do Espírito Santo, abençoa a sua prima e o filho que ela leva no seio e Maria reage bendizendo a Deus por tanto amor recebido.

Seja na primeira leitura, seja no Evangelho, podemos ver como Deus escolhe os mais frágeis e pequenos para transmitir as suas bênçãos ao mundo. Só os pequenos deste mundo têm o coração livre para reconhecer a presença de Deus e assim deixar que dentro de si floresçam abundantes bênçãos a Deus. A presença de Jesus Cristo no meio de nós é a realização das promessas de Deus, o anúncio da nossa libertação definitiva e do fim da opressão. Dizer que Jesus está no meio de nós significa transmitir esta mensagem aos outros dizendo bem de Deus por tanto bem recebido!

Seg, 21 – FÉRIA DO ADVENTO

Cant 2, 8-14 / Slm 32 (33), 2-3.11-12.20-21 / Lc 1, 39-45

Maria dirigiu-se apressadamente... (Evangelho)

Como o texto é omissivo sobre as causas da viagem de Maria, vamos admitir que Nossa Senhora, aflita por estar grávida do Espírito Santo e, ao mesmo tempo, noiva de José, queria aconselhar-se com a sua prima, cujo marido servia no templo, e que, portanto, talvez tivesse alguma coisa a dizer sobre aquele imbróglio. Naturalmente, falariam uma à outra e Maria sairia mais esclarecida sobre a vontade de Deus a seu respeito. Caro

leitor, temos que nos apressar a saber a vontade de Deus a nosso respeito. E claro, primeiro, interrogar-nos.

Ter, 22 – FÉRIA DO ADVENTO

1 Sam 1, 24-28 / 1 Sam 2, 1.4-7.8abcd / Lc 1, 46-56

Manifestou o poder do seu braço e dispersou os soberbos. (Evangelho)

Há uma soberba espantosa, muito difícil de desenraizar: a da pessoa que não consegue ver defeitos em si própria. Tenho um amigo que é a “coisa” mais atrasada que há. Chega a atrasar-se horas. Um dia, disse-lhe que ele chegava sempre atrasado a umas reuniões. Negou a pés juntos. Como é que o leitor reage perante este tipo de soberba? Enfrenta-a? (Caridosamente.) Temos esse dever. O leitor peça inspiração ao Espírito Santo.

Qua, 23 – FÉRIA DO ADVENTO

Mal 3, 1-4.23-24 / Slm 24 (25), 4bc-5ab.8-9.10.14 / Lc 1, 57-66

Quem poderá suportar o dia da sua vinda? (1ª Leitura)

Esperemos que todos. Jesus disse-nos que a salvação não nos era possível, mas que a Deus nada é impossível. Claro, porque é Deus que nos ajuda no nosso caminho e é Deus que nos perdoa. É o Espírito Santo que está dentro de nós a aconselhar-nos, é Jesus que nos leva até ao Pai. Hoje, o leitor veja que caminho tem percorrido ultimamente. Se tem assimilado as graças que Deus lhe quer dar.

Qui, 24 – FÉRIA DO ADVENTO

2 Sam 7, 1-5.8b-12.14a.16 / Slm 88 (89), 2-5.27.29 / Lc 1, 67-79

... de O servirmos um dia sem temor, livres das mãos dos nossos inimigos. (Evangelho)

Porque não haveríamos de servir Deus sem temor? Porque nos pode mandar para o inferno. Hoje em dia já não se assusta as pessoas com isso. Mas, às vezes, parece que o Céu não tem que ser conquistado, parece que andarmos melhor ou pior é a mesma coisa. Não é caro leitor, não é. Vai ter consequências. Medite.

Sex, 25 – NATAL DO SENHOR – Missa do dia

Is 52, 7-10 / Slm 97 (98), 1-6 / Hebr 1, 1-6 / Jo 1, 1-18

Hoje o Verbo Se faz carne. A segunda pessoa da Santíssima Trindade veio habitar no meio de nós. Chegámos à plenitude dos tempos, em que Deus Se faz carne no seio da virgem Maria, para que aqueles que O acolhem e acreditam n'Ele recebam «o poder de se tornarem filhos de Deus».

Muitas vezes, neste dia ficamos divididos sobre a importância desta festa. É uma festa religiosa ou civil? Festa da família ou festa de Deus? A resposta é fácil: é uma festa divina e humana, cheia de consequências para a nossa vida.

Hoje celebramos Deus que, infinitamente grande, faz-Se pequenino por nós: o Senhor de todo o universo faz-Se criança por amor. Deus que Se faz homem para revelar quem é Ele. Nós, só pelo nosso pensamento, nunca poderíamos ter chegado à conclusão que Deus é amor: é a lógica da Encarnação que nos leva a essa conclusão porque Jesus Cristo na terra continua a ser a Palavra de Deus e é Ele quem nos revela plenamente o Pai.

Às vezes, esquecemo-nos que na simplicidade da gruta de Belém se esconde a imensidão da divindade. Aqui se revela a verdadeira grandeza de Deus que é

Amor e também aqui é revelada a nossa verdadeira grandeza. Normalmente, pensamos que os grandes homens e as grandes mulheres são aqueles que fizeram alguma coisa de muito notável, seja no sentido mais material, como uma grande obra de arte, seja no sentido moral, um feito enorme por toda a humanidade. Estamos aqui hoje diante de um acontecimento que é simultaneamente humilde e aparentemente banal, mas de proporções verdadeiramente cósmicas: uma jovem rapariga que se deixou conduzir pela voz de Deus e que, por isso, concebeu e deu à luz o Menino-Deus. Será possível a humanidade atingir um feito maior do que permitir que Deus venha ao mundo?

Este não é um privilégio isolado de Nossa Senhora! Em certa medida, também nós somos chamados a participar deste mistério. Cada boa obra nossa, cada momento em que deixamos que a voz de Deus fale no nosso coração e agimos por Amor e não por nós próprios, é, na verdade, uma ação contemporaneamente da graça de Deus e nossa. Por meio da nossa abertura à graça e no cumprimento da sua vontade, Deus entra realmente no mundo. Na abertura à graça de Deus revela-se em nós

a nossa verdadeira grandeza e nobreza. É aqui que se revela o nosso poder de nos tornarmos filhos de Deus. É deixando que Jesus Cristo encarne no nosso coração que nos realizamos como filhos, porque só em Deus

seremos plenamente humanos. Só aceitando a nossa condição de filhos adotivos de Deus poderemos encontrar o nosso lugar nesta terra. Só em Deus podemos realizar aquilo que somos já no seio da sua misericórdia.

Sáb, 26 – SANTO ESTÊVÃO (Festa)

Act 6, 8-10; 7, 54-59 / Slm 30 (31), 3cd-4.6.8ab.16b-17 / Mt 10, 17-22

Sereis odiados por todos. (Evangelho)

Provavelmente, não somos odiados ‘por todos’, como Santo Estêvão era. Mas temos de nos interrogar se não incomodamos ninguém com as nossas ideias (cristãs), com a nossa maneira de viver o Evangelho. Penso que é mau se não o fizemos. Não será isso sinal de que somos amorfos, que não interpelamos ninguém? Às vezes, as consequências são duras, mas se o Evangelho for fácil é porque não é o Evangelho. A tentação de nos acomodarmos é grande. O leitor resiste à tentação?

Dom, 27 – SAGRADA FAMÍLIA DE JESUS, MARIA E JOSÉ (Festa) – Ano C

Sir 3, 3-7.14-17a / Slm 127 (128), 1-5 / Col 3, 12-21 / Lc 2, 41-52

Hoje celebramos a Sagrada Família de Jesus. À primeira vista, poderíamos pensar que meditar sobre a Sagrada Família não seja muito importante para as nossas famílias concretas. De facto, esta não é uma família comum e, no entanto, tem tantas semelhanças com as dinâmicas afetivas das nossas famílias. Esta família ensina-nos que Deus vem habitar na quotidianidade

de uma casa normal e que é nos gestos, tantas vezes repetitivos da vida de cada dia, que se realiza o reino de Deus. A extraordinária novidade do Cristianismo está radicada também na sua normalidade. Por isso, pagar as contas, tratar dos filhos, lavar a roupa, cozinhar e todas as outras tarefas domésticas, são atividades espirituais que podem ser vividas como verdadeira

oração porque são expressão do amor. Amor pelo marido, amor pela mulher, amor pelos filhos.

A Igreja, já desde os escritos de S. Paulo, considera a união entre marido e mulher um símbolo misterioso e privilegiado do amor de Deus. Um símbolo explicado em Jesus Cristo: nós somos simbolicamente a esposa e Cristo o esposo, numa união inseparável que começa no dia do nosso batismo. Isto significa que somos assumidos por Cristo, como um marido assume a sua mulher e uma mulher assume o seu marido. E tal como aquilo que pertence a um dos dois passa a pertencer aos dois, aquilo que é de Cristo passa a ser também nosso. Mas estas metáforas esponsais não nos devem fazer esquecer que o matrimónio é, enquanto tal, lugar de santidade para os esposos, para os filhos e para toda a Igreja.

O casamento cristão é um sacramento e, como tal, é um sinal visível da graça invisível. Isto significa que com os nossos olhos podemos observar uma

realidade que é em si mesma misteriosa e profunda, tal como na missa não nos dirigimos ao altar para receber um pedacinho de pão, mas o Corpo de Cristo.

Quando duas pessoas se casam pode acontecer que não compreendam este carácter sacramental da sua união. Talvez se casem para estarem simplesmente um com o outro, sem se aperceberem que a união deles é ocasião para que se torne visível a presença de Deus no mundo.

Constituir uma família cristã não se limita à expressão do amor humano entre duas pessoas; não se limita sequer ao querer concretizar o amor nos filhos. Para lá das dificuldades e das alegrias da vida em comum, é Deus quem dá a força para que a família seja no mundo seu reflexo vivo, isto é, imagem do Amor divino.

Assim, todas as famílias são sagradas: são chamadas a serem símbolo de Deus no mundo, a serem sagradas, como a Sagrada Família de Nazaré.

Seg, 28 – SANTOS INOCENTES (Festa)

1 Jo 1, 1-5 – 2, 2 / Slm 123 (124), 2-5.7b-8 / Mt 2, 13-18

Herodes vai procurar o Menino para O matar. (Evangelho)

Porquê? Porque ele ia ser rei. Que fazemos nós das pessoas que nos incomodam? Há várias espécies de pessoas incómodas. As

maçadoras, as que nos dizem algumas verdades, as que nos irritam, as que têm uma figura que nos faz impressão, às vezes até a voz. Com todas temos que agir com caridade. O leitor é capaz? Reze sobre isso.

Ter, 29 – 5º DIA DA OITAVA DO NATAL

1 Jo 2, 3-11 / Slm 95 (96), 1-2ab.3.5b-6 / Lc 2, 22-35

Aquele que diz conhecê-Lo mas não guarda os seus mandamentos é mentiroso. (1ª Leitura)

Guardamos ou não os mandamentos da lei de Deus? Guardamos os clássicos “mandamentos do não”. (Não matarás, etc.) E os mandamentos do ‘sim’? (Amar?) Que inteligência emprega o leitor em amar? O amar a Deus, aos outros e a mim tem que ser inteligente, astuto em força. Normalmente, amamos espontaneamente, mas era bom, e evangélico, se de vez em quando vissemos como é que podemos amar com mais qualidade. Quer fazer isso hoje, na sua oração?

Qua, 30 – 6º DIA DA OITAVA DO NATAL

1 Jo 2, 12-17 / Slm 95 (96), 7-8a.8b-9.10 / Lc 2, 36-40

... aquele que faz a vontade de Deus permanece eternamente. (1ª Leitura)

Portanto, permanecemos eternamente se fizermos a vontade de Deus. E nós fazemos a vontade de Deus ou vamos vivendo, e até rezando e indo à missa, mas sem nunca nos perguntarmos qual é a vontade de Deus a nosso respeito? O leitor pergunta-se? Medite sobre isto.

Qui, 31 – 7º DIA DA OITAVA DO NATAL

1 Jo 2, 18-21 / Slm 95 (96), 1-2.11-12.13 / Jo 1, 1-18

Ele estava com Deus. Tudo se fez por meio d’Ele. (Evangelho)

Nós somos cocriadores com Deus. Em todos os planos em que fazemos o mundo progredir. Cristo pôs o progresso e o retrocesso do mundo nas nossas mãos. Está nas nossas mãos fazer o mundo progredir. O leitor tem consciência do mundo progredir por um esforço consciente e original seu? Podia fazer mais? Reze sobre isso.